



EU-AUTOR: A EXPERIÊNCIA DE DISFORIA DE GÊNERO COMO DISSONÂNCIA COGNITIVA

Samuel Bittar



“a prática, o hábito e a incongruência preso numa espiral de relações”, de Samuel Bittar

Descrição de imagem: a imagem mostra uma espiral em preto e vermelho.



Introdução

Tramitar os sentimentos de angústia que o que foi intitulado como “*disforia de gênero*” é um campo de batalha mental absolutamente cansativo. Existem diversos aspectos que podem ser categorizados para conceituar mais afinadamente os percursos desses sofrimentos.

Existem aspectos do âmbito de uma incongruência corpórea que se expressam e promovem afetos e reações de intenções bastante **performáticas**. Os jeitos, os andares, os tipos de linguagem e gírias, tudo isto e muito mais nos faz tornar conscientes de nossas corporalidades e de como elas podem ser percebidas pelo *outro* “imaginário” à nossa frente (ou, às vezes, nem à nossa frente). Para pessoas que percebem-se fazendo escolhas de como se portar e controlar a percepção a fim de evitar violências, ou seja, ansiosas assim como eu, os *símbolos de gênero* atrelados às nossas relações sociais ficam extremamente evidentes.

Existem também aspectos (não dissociados, mas conjuntos) de uma incongruência corpórea que diz sobre a constituição e autopercepção de órgãos, membros, habilidades/possibilidades através da realidade física-corporal, dimensões, características fenotípicas, de desenvolvimento biopsicossocial, dentre muitos outros que são constituições que se **(des)realizam na fisicalidade psíquica**. Estes mais tarde, neste texto, terão um maior cuidado.

Fazer ser o que é, assim será e não será

O conhecimento de nosso conforto e dos processos de assimilação de quem somos a este mundo nos favorece também uma *com-ciência* de nossas ações. Nos treinamos para traduzir olhares, falas com sentidos ambíguos (...), bem como essa *geração de sentido* na ansiedade promove sentimentos-racionalidades-logicidades que indignificam nossa própria genuinidade/espontaneidade. E é por isto que *a busca pela cispassabilidade* (por óbvios motivos de integração e seguridade ao meio social) tem suas silenciosas formas de perversidade, capaz de modelar junto ao processo de nos conhecermos como sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade. Neste momento de experimentação e nomeação de si com a linguagem possível do mundo, experimentamos *o jogo da adequação de forma absolutamente material*. O tempo e a



transição que exige cuidado-atenção com a realidade do outro sobre nós nos faz tornar outra coisa que “buscamos” conscientes e inconscientemente ser. Não à toa, nossas razões se tornam bastante **corporalizadas**, é porque elas realmente são. Acredito que este que é um processo de uma gigantez mentalista/introspectiva, a experiência corpórea nunca fica dissociada desta percepção. O corpo torna-se corpo. Ele se expande sensorialmente, sente espaços que não ocupa, hiper e hiposensibiliza partes que se constituem fisicamente, isto pois existe uma *construtividade que integraliza simbolismo-biologismo-socialidade*.

A corporalidade trans tem como possibilidade de constituição de si uma fisicalidade que, como todas as outras subjetividades, é marcada pelo tempo e pelas mais diversas neuroplasticidades próstéticas e amplificadoras. O sujeito que se depara com uma realidade incongruente com a possibilidade de si está diante desse cenário; o que surge para ser e a consciência insiste em mostrar, não há outro caminho senão explorar esta percepção que floresce, pois, no mais vulgar coaching: aquilo que deixamos mal resolvidos em nós sempre resistirá em aparecer de formas que *podem até mesmo se camuflar em existir para nós mesmos*. Nunca é tarde, sempre é tempo.

Construção de saúde mental e contribuições para uma temporalidade (cuir)

Por muito tempo (relativo ao tempo de desenvolvimento da ciência psiquiátrica-psicológica), os autores que viam na experiência trans um grande objeto de estudo sobre o que há de perverso e perturbado na sexualidade – não à toa pessoas que operam uma lógica de si e do outro não com-ciente cisgênera e que eram incapazes de investigar a própria formação sexual e eroticidade – buscaram adequar a transvestigeneridade a um *espectro psicótico* da interpretação da realidade e de si.

As percepções históricas destes “zeladores da saúde mental” – mesmo que com pacientes/clientes com um discurso bastante conexo, uma linearidade histórica de si e a capacidade de comunicação com outras pessoas – das pessoas transvestigêneres tinham (e ainda têm) seus sofrimentos e processos de adoecimento mental bastante mal compreendidos. Até hoje, nas definições médicas e no que justifica nosso acesso à saúde, estamos adequados a uma lógica de cura, e há de se ter muito cuidado com a formulação de políticas públicas (que são indissociadas da saúde integral) para a nossa



população, pois o jogo da linguagem biomédica está putreficado de *uma percepção corporal específica*, de uma construção imaginária genital e sexualmente performática cisgênera-genitalista. Nossas demandas dessa experiência corpórea são muitas vezes compreendidas vulgarmente categoricamente como procedimentos estéticos; quando, na verdade, se assimilam vivencialmente mais semelhantes ao que é (re)construtivo e de tecnologias que auxiliem um desenvolvimento corporal desejado, ou seja, um desenvolvimento para a saúde amplificada do sujeito.

A população trans é uma população que assistencialmente é bastante negligenciada, mas continuamos a existir, seja por nós ou seja por outra pessoa que nem conhecemos, pois a realidade transvestigênera é uma possibilidade que já se mostrou repetitiva no nosso contexto histórico (assim como fora dele); ela se viabiliza e se faz existente no campo subjetivo.

Com filas de espera gigantescas dos ambulatórios assistenciais, pouca disseminação de conhecimento especializado na categoria profissional médica e inacessibilidade financeira – seja de um acesso diretamente privado ou da filiação de planos de saúde que estão dispostos na luta judicialmente para nos adoecer –, *voltamos à realidade do tempo*.

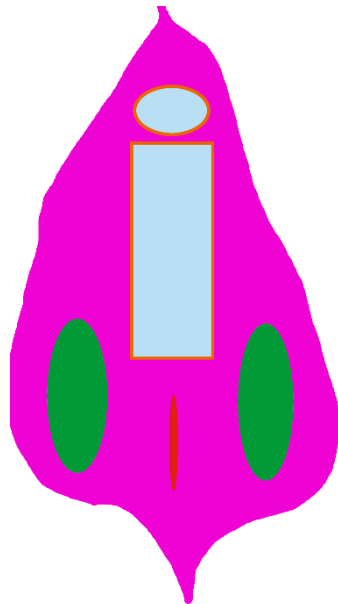
Para que lugar vai a mente presa na sua não realização e incongruência?

Não é difícil imaginar como seria possível facilitar o processo de adoecimento de uma pessoa trans diante da não compreensão e/ou integração familiar-social, da dificuldade financeira tanto pelos aspectos de sofrimento no trabalho como na impossibilitação de acesso a trabalho formal devido ao estigma e ao processo de exclusão social desde a infância, assim como para pessoas trans que lidam com um sofrimento corpóreo que não tem vazão e é rotineiramente nutrido pelas violências diversas.

A corporalidade trans é regada também de autoestima, daquilo que pode ou não ter acesso. Quando falamos, por exemplo, de altíssimas taxas de suicídio dentro da população trans, estamos também falando de uma população que, num nível individual, o sujeito passa a acreditar ser indigno, impossível, desmerecedor; que não deveria existir pelos sinais que o mundo institucional e social imprime nessa subjetividade, desde seu desenvolvimento mais infantil e ingênuo.

Dissonância cognitiva: quem estou e por que escrevo

Passo a acreditar vivencialmente que a existência que tenho nestes instantes é de que o futuro, o passado e o presente estão bastante embaralhados e confusos. Um relógio de nós. Essa temporalidade, lograda no que não posso e preciso por uma questão de saúde sexual, me faz fincar no presente. **E o que sou agora é o que não posso.** Um estado transitório que não tem desfecho apesar de tanta acuidade da certeza. Percebo como o uso do termo “*disforia de gênero*” também é afinada com essa temporalidade caótica. Imprime em mim esse sofrimento incurável, inato. Me parece que este momento mais tem a ver com uma **dissonância cognitiva**. Os altos e baixos, buracos e tropeçares não são os mesmos afetuosamente desde sempre, estão carregados de



Obra digital: **Falodescentralizado** de *Samuel Bittar*.

Descrição de imagem: a imagem mostra uma figura oval rosa, com duas formas ovais verdes em cada lateral, uma forma oval mais fina no centro, um retângulo vertical cinza no centro mais acima e um círculo cinza em cima do retângulo.

significados. E, com o passar do tempo que juro a mim que está parado há anos, a certeza mental e a construção corpórea se tornam menos questionáveis e mais integradas aos meus outros conhecimentos do mundo e de mim. Esse processo de associação invade minha vida, minhas ansiedades, e minhas simplicidades vivenciais: urinar, bater uma, estar íntimo sexualmente com alguém, se sentir, me vestir, tomar banho, olhar no espelho... Todas as relações comigo e com o outro criam uma amplitude realista, exacerbadamente cansativa e sem futuro. A mentalização de tudo em meu existir está passando por associação e reflexão desse

sofrimento, ao mesmo tempo que a matéria física não está congruente na sensorialidade e que sinto como um conflito fantasma.



No livro **Viagem Solitária** do eterno João W. Nery, um trecho guardo bem seguramente à memória: “*É preciso ser muito homem para chegar ao orgasmo só com a força da mente*” (p. 15), e que, em seguida, abre o título “Zero Pau”.

Estou cansado, sozinho e cambaleando nas estatísticas do suicídio trans. Eu tenho que me dizer todos os dias, em tom de mediação: o tempo dos outros nunca será o meu, *o senhor do tempo* pode ser trágico, mas a tragédia sempre faz memória e história no tempo de quem experiencia.

Assim como continuamos a existir como grupo para além de nós, felizmente nos encontramos. Seja pelos maiores acessos à internet, a coragem grupal de exposição da nossa transgeneridade no mundo real e virtual, pelas múltiplas vaquinhas bem-sucedidas, demoradas para alcançar a meta ou tão distantes da nossa realidade financeira deserdada... Nos encontramos. Um trans sempre conhece outro, hoje sinto conhecer o Brasil inteiro.

Sei também que *não sou uma experiência trans única ou modelada*. Eu sou uma pessoa que experiencia a transgeneridade, e que a transgeneridade está atrelada a diversos outros aspectos de quem me constituo e sou constituído no mundo. Minha descoberta bissexual quando pensava gostar apenas de homens no início da transição, a seguridade financeira que vivencio com a família, minha branquitude que por horas me faz tentar esquecer que sou um sujeito trans e não um sujeito corrigível, até o curioso fato de que gatos e cachorros me tratam diferente de pessoas que não tem a testosterona como hormônio androgenizante mais influente (e eu só sei disso pelas mudanças comportamentais dos “outros” que observei junto das minhas mudanças fisiológicas).

Por fim, **friso para fins de não ser confundido** de que as vivências corporais e angústias fantasmagóricas que experiencio não são definidores de um “grau de transgeneridade”. O que é “*disforia de gênero*” pode nem ser percebido ou dado importância por uma pessoa trans, e para mim, idealmente, uma pessoa trans nesse mundo tão ideologicamente carregado de gênero nem precisaria vivenciar essa experiência e processo corporalizador violento para “ser”. Não é que a experiência de gênero seja uma experiência violenta *a priori*, mas uma das formas como as dominações permeiam e realizam sua perversidade que é dialeticamente exclusiva e inclusiva estruturalmente. E é por isso que se existem tecnologias que podem lidar com o que **já é realidade corporal**, então que haja compreensiva assistência.